

SPRACHE – KULTUR – GESELLSCHAFT 8

Beiträge zu einer anwendungsbezogenen
Sozio- und Ethnolinguistik

Hrsg. von Prof. Dr. Sabine Bastian
und Prof. Dr. H. Ekkehard Wolff

Mathias Arden,
Christina Märzhäuser,
Benjamin Meisnitzer (Hg.)

Linguística do português

Rumos e pontes

Mathias Arden (Universidade Católica de Eichstätt) está preparando sua tese de doutorado sobre a variação morfossintática no português falado em programas televisivos brasileiros. Foi bolseiro do *Deutscher Akademischer Austauschdienst* (DAAD).

Doutora Christina Märzhäuser (Universidade de Munique) apresentou a tese de doutoramento sobre fenómenos de contacto entre caboverdiano e português em letras de rap de MCs bilingues. A sua investigação actual concentra-se na intersecção entre a semântica e a sintaxe.

Benjamin Meisnitzer (Universidade de Munique) está a preparar a sua tese de doutoramento sobre o presente histórico e o presente narrativo na literatura ficcional. Foi bolseiro da *Studienstiftung des deutschen Volkes*.

Bibliografische Information der Deutschen
Nationalbibliothek
Die Deutsche Nationalbibliothek verzeichnet
diese Publikation in der Deutschen
Nationalbibliografie; detaillierte
bibliografische Daten sind im Internet
über <http://dnb.d-nb.de> abrufbar.

© 2011 Martin Meidenbauer
Verlagsbuchhandlung, München

Alle Rechte vorbehalten. Dieses Werk
einschließlich aller seiner Teile ist
urheberrechtlich geschützt. Jede Verwertung
außerhalb der Grenzen des Urhebergesetzes
ohne schriftliche Zustimmung des Verlages ist
unzulässig und strafbar. Das gilt insbesondere
für Nachdruck, auch auszugsweise, Reproduktion,
Vervielfältigung, Übersetzung, Mikroverfilmung
sowie Digitalisierung oder Einspeicherung
und Verarbeitung auf Tonträgern und in
elektronischen Systemen aller Art.

Printed in Germany

Gedruckt auf chlorfrei gebleichtem,
säurefreiem und alterungsbeständigem
Papier (ISO 9706)

ISBN 978-3-89975-266-3
Verlagsverzeichnis schickt gern:
Martin Meidenbauer Verlagsbuchhandlung
Schwanthalertr. 81
D-80336 München
www.m-verlag.net

Índice

Introdução	9
MATHIAS ARDEN/ CHRISTINA MÄRZHÄUSER/ BENJAMIN MEISNITZER	
As ciências textuais no horizonte de uma semiótica social e o objecto de estudo da literatura e da linguística no marco da filologia	19
WULF OESTERREICHER	
A Linguística Cognitiva em Portugal e no Brasil: rumos e desafios	43
AUGUSTO SOARES DA SILVA	
Marinheirismos no crioulo da ilha de Santiago (Cabo Verde)	79
JÜRGEN LANG	
O actual comportamento onomástico em Moçambique	97
LÚCIA CALLEEN	
Delokutive Ausdrücke für große Quantität im Spanischen und Portugiesischen	113
ELISSA PUSTKA	
A velocidade de articulação sujeita a estruturas silábicas predominantes: português brasileiro e português europeu em contraste	137
CHRISTIAN GEBHARD	
A elisão vocálica no português europeu	151
CONCEIÇÃO CUNHA	
Uso do pronome <i>tudo</i> no português popular em São Paulo	167
ANGELA C. S. RODRIGUES/ DEIZE CRESPIM PEREIRA	
História dos sistemas de tratamento do português europeu e do romeno	185
AURÉLIA MERLAN	

Comparando os sistemas pronominais do português e de três línguas crioulas. Pronomes nucleares ROLAND SCHMIDT-RIESE	209
Objetos nulos no português brasileiro, africano e europeu: Uma pesquisa de corpus com exemplos do <i>Português Falado</i> CLEMENS VAN LOYEN	229
Sobre a expressão lexical da duração e da localização temporal em português TELMO MÓIA	251
O presente do indicativo numa perspectiva pragmático-funcional à luz de um conceito deíctico de temporalidade BENJAMIN MEISNITZER	271
Nichtzustandsimperfektive im Romanischen und Germanischen: Wie ist die deutsche Verlaufsform mit den romanischen Funktionen vereinbar? WERNER ABRAHAM	291
O <i>progressivogradativo</i> no português europeu actual: expressão, combinatória e variação HENRIQUE BARROSO	307
O carácter relativo do sistema verbal do Papiamentu exemplificado pelo marcador <i>ta</i> BART JACOBS	323
Pontos do percurso de um evento de deslocamento no espaço físico: que tendências apresenta o português paulista? VERENA KEWITZ	339
Cartas de leitor em jornais paulistas do século XIX e XX: Evolução de uma tradição discursiva ALESSANDRA CASTILHO DA COSTA	359

(<i>Até mesmo porque... inclusive porque... –</i> Da fundamentação focalizada na linguagem académica THOMAS JOHNEN	377
Português moçambicano: o difícil caminho para a padronização SANDRA MARÍLIA TAMELE	399
Das Portugiesische in Daman (Indien): Beobachtungen zu Sprachgebrauch und Sprachwahl MIRA NEYGANDHI	409
Motivações de MCs bilíngues de Lisboa na escolha da língua nas suas letras de rap CHRISTINA MÄRZHÄUSER	429
Ensino do Português Língua Estrangeira: um caso prático de <i>blended-learning</i> CARLA SOFIA AMADO	453
Teletandem Brasil-Alemanha: Línguas estrangeiras sem fronteiras ANNA-KATHARINA ELSTERMANN	465
Endereços dos autores	483

História dos sistemas de tratamento do português europeu e do romeno

Aurélia Merlan (Munique)

Resumo

No presente artigo analisam-se contrastivamente as formas de tratamento do português europeu e do romeno na sua evolução, desde os textos mais antigos até ao presente. A análise tem, precisamente, como meta determinar qual foi o sistema de tratamento originário do português e do romeno, quais foram os factores que provocaram alterações neste sistema, em que época surgiu o sistema de tratamento tricotómico em cada das duas línguas e quais são as semelhanças e as divergências na evolução dos dois sistemas.

1. Introdução

O português e o romeno são, entre as línguas românicas, as únicas que desenvolveram um sistema de tratamento tricotómico autóctono, sem formas emprestadas das línguas de contacto. Vários linguistas chamam a atenção para esta semelhança tipológica.¹ Não há, no entanto, nenhum estudo contrastivo – nem sincrónico nem diacrónico – dos dois sistemas e das formas de tratamento portuguesas e romenas.² Pretendendo preencher esta lacuna, no presente artigo analisam-se os sistemas de tratamento em referência na sua evolução, desde os textos mais antigos até ao presente. A análise tem, precisamente, como fim de determinar qual foi o sistema de tratamento originário do português e do romeno, quais foram os factores que provocaram alterações no sistema de tratamento originário, em que época surgiu o sistema de tratamento tricotómico em cada das duas línguas e quais são as semelhanças e as divergências na evolução dos dois sistemas. O corpus em que se baseia a análise consta

¹ Veja, entre outros, Bossong (2008: 303); Coffen (2002: 157).

² O sistema de tratamento português fez o objecto de análise, tanto de ponto de vista diacrónico assim como sincrónico, de vários trabalhos: monografias, ensaios e artigos (Meier 1951, Luz 1956-1959, Cintra 1972, Kilbury-Meißner 1982, Hammermüller 1993a, e outros). Em contrapartida, não há nenhum trabalho sobre a evolução do sistema de tratamento romeno e são muito poucos os sobre as formas de tratamento do romeno contemporâneo (Braun 1984).

de cartas oficiais e privadas de várias épocas, de textos jurídicos, religiosos e literários (poesia, teatro, prosa) de várias épocas, assim como de traduções, jornais e gravações (corpus de língua falada).

2. Formas de tratamento até ao século XIV

2.1 Formas de tratamento no português antigo

O português da Idade Média, ou seja o português antigo, possui até ao século XIV um sistema de tratamento (para um alocutário) dicotómico, baseado na oposição de número: a segunda pessoa do singular serve como forma de tratamento familiar (= T) e a segunda pessoa do plural serve como forma de tratamento deferente (= V). No tratamento para mais alocutários, a oposição de número aparece neutralizada. Este sistema contém, portanto, exclusivamente formas directas, pronominais (*tu, te, ti, -tigo, teu/s, tua/s, vós, vos, -vosco, vosso/s, vossa/s*) e verbais (na ausência do pronome-sujeito, é a desinência do verbo que pode indicar o tratamento familiar ou deferente). Com esta configuração, o sistema de tratamento do português antigo não diverge do das outras línguas românicas ocidentais na Idade Média³.

De entre os dois pronomes de tratamento, o *vós* (e as suas formas oblíquas, assim como os possessivos correspondentes) é polifuncional, servindo, por um lado, como plural indiferente quando o alocutário é um grupo de pessoas e, por outro lado, como tratamento deferente para um alocutário (plural metafórico). Este *vós* de deferência está documentado no galaico-português desde o século XIII. Encontramo-lo, expresso ou incluso na desinência verbal, por exemplo, em textos jurídicos, em cantigas de amor, em cantigas de amigo, etc., sendo acompanhado frequentemente por um vocativo (*senbur/ senhor, dona, irmã, fremosinba, (meu) amigo, Condeça + nome, minha filha, D. + nome, meu filbo*, etc. (CR, I: 814-825; Luz 1956-1959: 239). O *vós* não recíproco é o tratamento para pessoas com poder institucionalizado no estado, na igreja ou na família. Entre os representantes das classes sociais elevadas, assim como entre os esposos reais (e fora da família real) e entre os infantes o tratamento por *vós* é recíproco. De *vós* faz uso também o rei quando se dirige aos seus filhos e filhas (Luz 1956-1959: 239). Exemplos:

³ O sistema dicotómico está documentado em francês no século XI, em occitano, em espanhol e em italiano no século XII (Coffen 2002: 51, Niculescu 1974: 78) e em asturleonês no século XIII (Merlan 2010: 234-235).

- (1) Pero conuê, senhor, que [vós] seyades sofrudo contra os uogados
(*Flores de direito*, texto jurídico do séc. XIII, em: CR, I: 814)
- (2) Se uos eu ousasse, senhor, / no mal, que por vós ei, falar, / des que uos ui, a meu coidar, / pois fossedes en sabedor / doer-uos-yades de mi.
(Vasco Gil, *Cantiga de amor*, séc. XIII, em: CR, I: 818)
- (3) E porque vós Condeça D. Isabel minha filha sodes sposada (...)
(*apud* Luz 1956-1959: 239)

No século XIV, o pronome *vós* (assim como os possessivos e as formas verbais da segunda pessoa do plural) continua a ser usado como tratamento deferente para o rei e para representantes da igreja, mas ao mesmo tempo aplica-se a qualquer outra pessoa, „quando não existe grau de intimidade ou confiança que permita o emprego de *tu*“ (Cintra 1972: 17); por exemplo, a uma monja:

- (4) E ella, quando os uyo, temeos muyto, e preguntouhos por que a amau seu senhor mais que as outras. E elles rresponderom: Senhora, por vossos olhos.
(Castello Perigoso, *Exemplo dhũa monja*, séc. XIV, em: CR, I: 828)

Em contraste com *vós*, o pronome *tu* usa-se de pais para filhos (excepto na linguagem da corte), entre irmãos, assim como entre marido e mulher sobretudo nas câmadas sociais mais baixas (Cintra 1972: 90). *Tu* é, nesta época, igualmente o tratamento corrente para Deus (Cintra 1972: 88-101), embora não faltem exemplos de tratamento por *vós*. Tais exemplos, raros, estão documentados nos Cancioneiros trovadorescos, em que, devido à atitude „cortês“ adoptada pelos trovadores, o pronome *vós* (expresso ou incluso nas desinências verbais) é a única forma de tratamento usada (Cintra 1972: 100):

- (5) Essa que uós fezeistes melhor parecer / de quantas sei, ay Deus, fazede-mh-a ueer / senon dade-mh a morte!
(Bernardo de Bonaval, *Cantiga de amor*, séc. XIII, em: CR, I: 815-816)

As formas de tratamento directas pronominais *tu* e *vós* são, durante a Idade Média, as únicas em uso. Apenas no século XIV, em actas das cortes de 1331, está documentada a primeira forma indirecta, nominal, *Vossa Mercê*, usada em relação ao rei (Luz 1956-1959: 50, Cintra 1972: 18-19). A sua expansão, no entanto, assim como o surgimento de outras formas nominais produzir-se-á no século seguinte.

2.2 Qual o sistema de tratamento no romeno da Idade Média?

Para o romeno não dispomos de documentos da Idade Média. Segundo parece, a inovação que se dá no século IV no sistema de tratamento latim ocidental (Svennung 1958: 375, Coffen 2002: 36-38, Bossong 2008: 46) e que se propaga e se mantém durante a Idade Média no Oeste até à Península Ibérica e no Leste até à Dalmácia⁴, não chega à extremidade oriental do Império. A esta conclusão levam, em primeiro lugar, aspectos linguísticos: o facto de nos primeiros textos dacoromenos (do século XVI) não se encontrar nenhum vestígio de um *voi* deferente, sendo este pronome empregado somente na sua função originária, e a inexistência da oposição T-V nos dialectos romenos do sul do Danúbio (no aromeno, meglenoromeno e istroromeno), que possuem um sistema de tratamento simples, semelhante ao do latim clássico: (me gl., istr.) *tu* ou (arom.) *timi* para um alocutário e *v(u)oi* para mais alocutários (Caragiu Marioțeanu 1977: 184). Em segundo lugar, à mesma conclusão levam aspectos históricos: o abandono da Dácia pelos romanos em 271 (portanto, antes do surgimento de VOS *maiestatis* ou de VOS *reverentiae* no latim de Roma) e o isolamento da romanidade oriental, a partir do século VI, da romanidade ocidental como consequência da invasão dos eslavos.

3. Formas de tratamento entre os séculos XV e XVIII (1.ª metade)

3.1 Formas de tratamento no português pré-classico e clássico

A partir da segunda metade do século XV (sobretudo durante o reinado de Afonso V) até à primeira metade do século XVIII, o sistema de tratamento português sofre câmbios significativos, que acompanham, em grande parte, as alterações do sistema de tratamento espanhol. A forma directa de deferência *vós* é concorrida nas suas funções por formas nominais, indirectas, que levam o verbo para a terceira pessoa. Se no século XIV tais formas apareciam esporadicamente e sobretudo na boca dos estrangeiros, no século XV elas multiplicam-se. Para além de *Vossa Mercê*,

⁴ Em dalmático, o plural metafórico está documentado numa carta do início do séc. XIV, dirigida ao chanceler de Ragusa: *Ma eu si lu do a sauir a uoi*. (em: CR, I: 202)

que já começa a vulgarizar-se⁵, encontramos nos documentos do século XV os títulos *Vossa Senhoria*, aplicável ao rei e aos grandes senhores, assim como *Vossa Alteza* e (de uso raro) *Vossa Excelência*, reservados para o monarca. No século XVI, outras formas nominais ganham terreno: *Vossa Majestade*, aplicável ao imperador Carlos V e, em finais do século, também ao rei de Portugal, Filipe II, assim como *Vossa Reverência*, para representantes da Igreja (Luz 1956-1959: 81-82, Cintra 1972: 18-20, 46-47).

Nos documentos do século XV e XVI nota-se uma grande instabilidade do sistema de tratamento: as formas de tratamento deferente da segunda e da terceira pessoa coexistem, muitas vezes no mesmo texto. A convivência dos dois tratamentos, directo e indirecto, caracteriza tanto a língua escrita (o estilo epistolário), assim como a língua falada. Em cartas dirigidas ao rei (por exemplo nas *Cartas para El-rei D. Manuel I* escritas entre 1510 e 1514 por Afonso de Albuquerque) são as formas nominais que aparecem com maior frequência na posição sintáctica de nominativo-sujeito (+ verbo na terceira pessoa). O pronome-sujeito *vós* é mais raro e geralmente acompanhado pelo vocativo *Senhor*. Em contrapartida, as formas óblicas e possessivas directas são as únicas usadas, e em frases ou orações sem sujeito expresso o verbo está constantemente na segunda pessoa do plural:

- (6) (...) veja ora Vossa Alteza, se tirardes gente e armas e boa armada à Índia, se cumprirá isto que vos promete; (...) E assim Miliquiaz não diz ele que é vosso vassalo e que vos há-de sempre servir bem e lealmente? Este tal, se nos ele vir em alguma quebra, credes vós, Senhor, que não dirá ele que é vassalo del-rei de Cambaia (...)? Prouve a Nosso Senhor de ma dar, sem nenhum provimento humano, como Vossa Alteza sabe; fostes sabedor da verdade, e veio Vossa Alteza em conhecimento de meu serviço, e me fizestes honra e mercê, e me pôs Vossa Alteza em tão grande poder e mando que o não tem nenhum vassalo de vossos reinos e senhorios maior.

(Afonso de Albuquerque 1957: 27, 231)

Também na língua falada alternam o tratamento respeitoso directo e indirecto, como resulta dos textos de Gil Vicente (1465?-1536?). Quando as personagens são pessoas de condição simples, como no *Auto de Inês Pereira* (1523), nota-se uma clara preferência para *vós*: Por *vós* dirige-se

⁵ No século XIV e na primeira metade do século XV, *Vossa Mercê* é o tratamento mais usual para o rei, mas em finais do século XV já não pode ser aplicado ao monarca, sendo o tratamento adequado para fidalgos (Cintra 1972: 22, 29).

Inês à sua mãe, à sua tia, ao seu marido; o marido à sua esposa, a tia à sua sobrinha, o moço ao escudeiro, etc. A única forma nominal que aparece (uma vez) no texto é *Vossa Mercê*, como tratamento ocasional do inferior (o moço) para o superior (o escudeiro). Exemplos:

- (7) Sabeis, mãe, que eu adivinho?
- (8) Que manda Vossa Mercê?
- (9) Não sois vós, mulher, meu ouro?

(Gil Vicente 1996: 30, 47, 54)

A convivência do tratamento directo e indirecto nota-se igualmente nos *Diálogos de Roma* (1548) de Francisco de Holanda. Ao lado dos títulos *Vossa Excelência* ou *a Excelência Vossa* (reservado para uma marquesa), *Vossa Reverendíssima* (para um fradre), *Vossa Senhoria* ou *a Senhoria Vossa* (usados entre os mestres de pintura), surge frequentemente o *vós* deferente, acompanhado eventualmente por um vocativo, como *Senhora* ou *Mestre*. Como tratamento para mais alocutários emprega-se o plural indiferente *vós*, mas também a forma nominal *Vossas Senhorias* ou *as Senhorias Vossas*. No *Prólogo* (p. 4) e na *Conclusão* (p. 120-121), o autor dirige-se ao rei com *Vossa Alteza*. Exemplos:

- (10) Estava-me dizendo, disse Lactâncio, quão bem V. Ex.^a sabia guardar o decoro a tudo.
- (11) Vós, M. Francisco, o tendes feito tão bem por vossa namorada a Pintura.
- (12) Vossa Senhoria já não me conte por *Orsino*.
- (13) digo que eu me ofereço ao que Vossas Senhorias mandarem.

(Francisco de Holanda 1955: 30, 50, 62, 88)

É interessante observar que nos *Diálogos* de Francisco de Holanda assim como numa carta sua dirigida ao rei Filipe II aparecem com função anafórica, quando o tratamento em nominativo é de tipo nominal, também possessivos e formas pronominais da terceira pessoa (*seu/s*, *sua/s*, *ela* depois de uma preposição, *lhe*, *o*, *a*):

- (14) Mas peça-me V. Ex.^a cousa que se a ela possa dar, e será sua.
- (15) Senhor. Muito tempo há que sou de V.M. e que tenho grandes desejos de o servir (...). (...) como fez meu pay ao Imperador, vosso pay. (...) E por isto lhe mando estas duas imagens feitas da minha mão (...). E mando-as por o seu Embaixador (...)

(Francisco de Holanda 1955: 18, 128-129)

Até ao fim do século XVI, o pronome *vós* usado como plural metafórico vai sofrendo uma extrema degradação semântica, de tal maneira que no início do século XVII o seu emprego na língua falada como tratamento respeitoso se mantém somente entre pessoas de confiança e na fala antiquada, provincial e rude (Cintra 1972: 34-35, Coffen 2002: 130-131). Nas *Cartas familiares* de D. Francisco Manuel de Melo (1608-1666), por exemplo, o autor dirige-se por *vós* é a um amigo ou a um parente:

- (16) Muito bom é, amigo, que quando todos vos envejarem, vos mostréis vós queixoso!
- (17) Vós, senhor primo, deveis de ter resolvido aquela grande questão (...)
(D. Francisco Manuel de Melo 1937: 25, 45)

Nas mesmas *Cartas* está documentado também o *vós* como plural indiferente, assim como várias formas nominais (*Vossa Senhoria*, *Vossa Mercê*, *Vossa Paternidade*) reservadas para pessoas com as quais o autor não tem uma relação de confiança:

- (18) Senhores: (...) Vós, que sabeis meu natural e não inorais meu cabedal, é certo que não recebereis com sobressalto a inutilidade deste livro.
- (19) Senhora: (...) peço de novo a V. S. se exercite na segunda informação de minha causa diante de N.
- (20) [A um juiz:] (...) estou, senhor, nas mãos de V.M.
(D. Francisco Manuel de Melo 1937: 25, 42-43, 48)

O processo de degradação e marginalização do plural metafórico *vós* continua no século seguinte, chegando este tratamento para um único alocutário, quando não havia uma relação de grande familiaridade entre os interlocutores, a ser considerado como injúria. Segundo Cintra (1972: 34-35), em meados do século XVIII este tratamento cai em desuso.

No que respeita o tratamento a Deus, no entanto, o pronome *vós* e as correspondentes formas verbais da segunda pessoa do plural começam, no século XVI, a ganhar terreno em detrimento de *tu*. Como constata o mesmo linguista (Cintra 1972: 102-112), se na primeira metade do século XVI o tratamento usual ainda é o na segunda pessoa do singular, tanto nas versões correntes do *Padre nosso*, assim como na obra de Gil Vicente ou nos poemas de António Ferreira, já na segunda metade do mesmo século se regista, na linguagem poética, uma hesitação entre *tu* e *vós* (por exemplo, em poemas de Luís de Camões e de Diogo Bernardes), ou mesmo o emprego exclusivo de *vós* (como na poesia

religiosa de Agostinho da Cruz). O tratamento de Deus, mas também da Virgem Maria e de santos por *vós* fixa-se no século XVII na poesia assim como na prosa e manter-se-á em uso na linguagem poética até meados do século XVIII. Exemplos:

(21) [A Deus:] Como vos servirei, pois vos não amo?
(Agostinho da Cruz (1540-1619), *apud* Cintra 1972: 110)

(22) Querido Bautista (...)/ Vinde a dar às flores/ Belleza tão nova,/ Que luzam
estrellas/ Sendo em vós corôas.
(Violante Montesino (1601-1693), *Villancico a S. João Bautista*, em: CR, II: 1146)

De entre as formas nominais acima referidas, *Vossa Mercê* penetra em todas as camadas sociais, sofrendo uma erosão semântica e fonética: *Vossa Mercê* > *vossancê* > *você*. Encontramos a forma *vossancê*, ao lado de *vossa mercê*, por exemplo na farsa *O fidalgo aprendiz* (1646) de D. Francisco Manuel de Melo (o tratamento dominante é, no entanto, *vós*):

(23) Guarde Deus a vossancê.
(D. Francisco Manuel de Melo 1963: 42)

A forma sintética *você*, cujo surgimento não implicou todavia o desaparecimento da forma analítica da qual proveio, é atestada pouco antes de 1666 (cf. Cintra 1972: 30). Trata-se de um processo de gramaticalização (pronominalização) que decorre quase paralelamente com o do sintagma espanhol *vuestra merced* (*vuesasted* no século XVI e *usted* no século XVII; cf. Guiter 1961: 196).

Sintetizando, constatamos que o sistema de tratamento do português pré-clássico e clássico diverge substancialmente do do português antigo: é um sistema dicotómico (T-V) não só no singular (um alocutário), mas também no plural (mais alocutários); está composto tanto de formas directas, pronominais (*tu, te, vós, vos*, etc.) e verbais (da segunda pessoa, singular e plural), assim como de formas indirectas, nominais (*Vossa/s Mercê/s, Vossa/s Senhoria/s*, etc.), pronominais (*você*) e verbais (da terceira pessoa, singular e plural); a dicotomia T-V baseia-se não só na oposição de número (o singular *tu* vs. o plural *vós*), mas também na oposição de pessoa (2.^a pessoa *vós* vs. 3.^a pessoa *Vossa Mercê/ você*, etc.). Ao contrário do espanhol clássico, mas também do judeu-espanhol, do galego e do asturleonês, o português pré-clássico e clássico desconhece o uso do pronome autêntico da terceira pessoa, *ele, ela*, enquanto forma de tratamento respeitosa no nominativo. Este pronome surge somente como referência anafórica a tratamentos nominais (veja o exemplo 14).

Quais foram os factores responsáveis pela subversão do sistema de tratamento medieval a favor deste sistema muito mais complexo? É de admitir que eles foram de natureza vária, linguística e social, em primeiro lugar, mas também política, económica e cultural: a alta frequência e a difusão do pronome *vós* em todas as classes sociais, o que causou a sua degradação semântica; a ampliação do campo de emprego das formas nominais; a instauração na Península Ibérica de um cerimonial de corte rígido e complicado, a partir de 1516, durante o reinado de Calos V (1519-1554) e de Filipe II (1556-1598)⁶; a ascensão de uma burguesia nova, capitalista; a consolidação de uma sociedade fortemente hierarquizada; a urbanização, que produziu uma alteração das relações sociais; o descobrimento do Novo Mundo e a expansão.

3.2 Formas de tratamento no romeno antigo

Nos primeiros documentos escritos, com alfabeto quírilico, no romeno (traduções e textos originais), não há vestígios de um VOS *reverentiae*. Em lugar deste pronome, encontramos nos textos romenos originais formas de tratamento deferente novas e completamente diferentes das que apresentam as línguas românicas ocidentais. O seu surgimento está em directa relação com a fundação dos primeiros principados romenos independentes na primeira metade do século XIV e com a consolidação do feudalismo no seu território. Nos séculos XIV e XV, mas também nos séculos seguintes (XVI e XVII), a sociedade feudal romena, regida por um *domn(itor)* (ou *voievod*) 'príncipe', está hierarquizada em quatro camadas sociais: *os boiardos*, que eram latifundiários e que existiam já antes da fundação dos estados romenos, *os cidadãos*, que eram os comerciantes e os artesãos, os assim-chamados *vizinhos*, que dependiam de um latifundiário em cujo latifúndio viviam e trabalhavam, e *os servos*, que estavam totalmente no poder do seu dono (Giurescu 2000: 155-156). A maneira de se dirigir ao príncipe e aos representantes de cada camada social deve ter sido já desde o século XIV diferente. Os primeiros

⁶ Na opinião de Guiter (1961: 195-202), foi o império de Carlos V que desempenhou o papel decisivo no processo de cristalização das formas de tratamento da 3.^a pessoa, papel esse comparável com o do Império Romano na difusão de VOS *reverentiae*.

documentos no romeno atestam que para o príncipe e para os latifundiários eram reservadas formas de tratamento deferente, distintas. Os inferiores e os representantes das câmaras sociais baixas recebiam, em contrapartida, exclusivamente *tu*.

Uma imagem clara sobre a maneira de um boiardo se dirigir a outro boiardo oferece o mais antigo texto original romeno (uma carta privada), de 1521, em que surgem duas formas de tratamento: o singular *domniata* (lit. 'tua Senhoria'), com o genitivo-dativo *domnietale*, e o plural *domniele vostre* (lit. 'vossas Senhorias'). Cito aqui um fragmento:

- (24) Eu spui domnietale, iară domniata ești înțelept și acēste cuvinte sã ții domniata la tine, sã nu știe umin mulți, și domniele vostre sã vã păziți cum știți mai bine. [‘Eu digo a Vossa Senhoria, e Vossa Senhoria é sábio, e que Vossa Senhoria guarde para si estas palavras, que não saiba muita gente, e Vossas Senhorias acautelem-se como souberem melhor.’]

(*Scrisoarea lui Neacșu*, 1521, em: Cr: 16)

Como em português, as formas de tratamento deferente do romeno antigo são, na sua origem, sintagmas nominais, que constam de um substantivo abstracto da qualidade, *domnie* ‘senhoria’, usado na forma de singular ou de plural com o artigo definido enclítico (*domnia*, *domniile*), e de um adjectivo possessivo da segunda pessoa singular (*ta* ‘tua’) ou plural (*vo(a)stre* ‘vossas’). Ao contrário, no entanto, do português, as formas romenas levam o verbo não para a terceira pessoa, como pediria o acordo sintáctico, mas sim para a segunda pessoa, realizando-se o acordo semântico: *sã știi domniata* (lit. ‘saibas tua Senhoria’), *domniele vostre sã vã păziți* (lit. ‘que vossas Senhorias tenheis cuidado’). Esta particularidade aproxima o romeno das línguas balcânicas, precisamente do grego, do albanês e do búlgaro (Pușcariu 1943: 124).

O processo de gramaticalização das formas de tratamento deferente acima mencionadas está bastante avançado no século XVI, sendo isso uma prova de que elas já eram utilizadas antes. Do ponto de vista semântico, elas aparecem como unidades abstractas, embora menos abstractas que os pronomes autênticos *tu* e *voi* por indicarem a categoria social dos boiardos. No plano da expressão, observa-se uma grande instabilidade destas formas ao largo do século XVI, assim como também no século seguinte: as formas analíticas coexistem, muitas vezes no mesmo texto, com as sintéticas (aglutinadas), que apresentam um degrau de erosão fonética diferente. Assim encontramos nos documentos dos séculos XVI e XVII – precisamente nos textos originais em romeno (cartas privadas e

oficiais, anotações, textos jurídicos de vária natureza, crónicas, prefácios e epílogos acrescentados aos textos religiosos traduzidos) assim como nas traduções de textos laicos – formas do tipo: *domniata*, *domniea ta* ou *mneta* para o nominativo-acusativo do singular; *domnietale*, *domnitate*, *domnitale*, *domniei tale* para o genitivo-dativo do singular; *domniele vostre*, *Domniele vostre*, *domnevostre*, *dumile vostre*, *domnevoastră*, *domnevoastră*, *domnevoastră*, *dumněvoastră* para o nominativo-acusativo do plural; *domnilor vostre*, *domnilor vostre*, *domnevostre* para o genitivo-dativo do plural (Cr: 16-19, 50; CR, I: 157-158; Rosetti 1986: 483). Exemplos:

- (25) Scriem Închinăcune și multă sănătate (...) la tot svatul domnitate. [‘Escrevemos homenagem e muita saúde (...) ao conselho inteiro de Vossa Senhoria.’]
(Carta de 1595, em: CR, I: 157)
- (26) Au verit omul domnici tale [‘Chegou o homem de Vossa Senhoria’]
(Carta de entre 1602 e 1617, em: Cr: 18)
- (27) Dēcă te rugăm pre do<m>niea ta [Portanto pedimos a Vossa Senhoria]
(Carta de entre 1602 e 1617, em: Cr: 19)
- (28) Că dumněvoastră unde veți trimete la trēba domnilor vostre, lui i caută asculta. (...) Și sã dē Dumnădzău sã fiți dumněvoastră sănătoș.
[‘pois Vossas Senhorias onde [o] vão mandar para o negócio de Vossas Senhorias, ele tem de se submeter. (...) E queira Deus que Vossas Senhorias ficassem sãos.’]

(Carta de 1595, em: CR, I: 158)

De entre as formas mencionadas, *domniata* (e as suas variantes) serve como tratamento para um alocutário, e *domniele vo(a)stre* ou *dumněvoastră* (somente) como tratamento para vários alocutários. O uso de *dumněvoastră* como plural metafórico, que se regista no romeno moderno, é desconhecido do romeno antigo. Característico para esta etapa é também o facto de ambas as formas de deferência apresentarem uma flexão causal. Nos séculos seguintes, o pronome para o plural perderá a flexão e fixar-se-á na forma invariável *dumnevoastră*.

Conforme foi já antecipado, as formas de tratamento deferente mencionadas são aplicadas, nesta época, aos boiardos. Para o príncipe estavam reservadas as formas, igualmente directas, *măria ta* ou *măria voastră* assim como *înălțimea ta* ou *înălțimea voastră* (embora menos frequentes), que constam de um substantivo abstracto *mărie* ‘magnificência’, respectivamente *înălțime* ‘alteza’, usado com artigo definido, e um adjectivo possessivo da segunda pessoa:

- (29) Om plăti măriei tale. (...) socotește-ne măria-ta nevoia și greul. ['Havemos de pagar a Vossa Alteza'; calcule V. A. a nossa carência e a nossa dificuldade.]

(Carta de 1657, em: CR, II: 34)

O príncipe, no entanto, trata os seus obedientes por *tu* (um alocutário) e respectivamente por *voi* (mais alocutários). Em finais do século XVII, as formas de tratamento *măria ta* e *măria voastră* começam a ser aplicadas também a boiardos com posições importantes:

- (30) Să faci măria-ta acest bine pentru voia mării-sal<e> lui vodă.

['Que faça Vossa Alteza este bem para o prazer de Sua Alteza, o príncipe.']

(Carta de 1696, em: CR, II: 59)

Em prefácios de textos religiosos, em que o autor se dirige aos seus futuros leitores, encontramos a fórmula de tratamento *sfinți(i)le voastre*, com o genitivo-dativo *sfinți(i)lor voastre* (composta do substantivo *sfinție* 'santidade' + sufixo *-ie* e o adjetivo possessivo), que perdurou inalterada na sua estrutura analítica até ao presente, assim como a fórmula *milostva ta*, abreviado *mltva-ta* (*milostva* 'benefício' + adjetivo possessivo), que desapareceu do romeno. Também estas formas levam o verbo para a segunda pessoa:

- (31) Însă mă rog sf<i>nșilor voastre [...]. Că apoi mltva-ta verș da samă.

['Mas peço a Vossas Santidades (...) Porque depois Vossa Generosidade há-de dar uma explicação.']

(*Pravila de la Govora*, 1640, em: CR, II: 17)

As formas de deferência mencionadas são características dos textos laicos. Nos textos religiosos do século XVI, que são traduções sobretudo do eslavono (exceptuando os prefácios e os epílogos), o tratamento corrente para Deus, para Santos e Apóstolos é o pronome *tu* (*e/* ou as formas verbais correspondentes da segunda pessoa do singular). No século XVII, ao lado de *tu* surgem nas traduções também *dumneata* e *măria ta* como tratamento a Deus, mas tais formas são extremamente raras. Por exemplo:

- (32) Doamne, de ești măria ta, dzi-mi să viiu. ['Deus, se for Vossa Alteza, diga-me que eu venha.']

(Varlaam, *Carte românească de învățătură*, 1643, apud Dimitriu 1999: 255)

Na primeira metade do século XVIII o processo de gramaticalização das formas de tratamento *domniata* > *dumneata* e *domniele voastre* > *dumneavoastră* está concluído. O primeiro pronome encontra-se já na forma *dumneata* (que perdura até hoje) por exemplo na obra do cronista

Ion Neculce (ca. 1672-1745). Na mesma obra documenta-se *măria ta* como tratamento para o príncipe, que cairá em desuso um século mais tarde:

- (33) Ce dzici în fluier dumneata, logofete? ['Que é que Vossa Senhoria está tocando (instrumento: a flauta de pastor)?']

- (34) Să fii măria ta sănătos (...) ['Que Vossa Alteza esteja são!']

(Ion Neculce 1959: 21, 53)

O romeno antigo (séc. XVI - XVIII) possui, portanto, um sistema de tratamento dicotómico tanto no singular (um alocutário), como no plural (mais alocutários), que consta de formas de tratamento exclusivamente directas, pronominais (*tu*, *voi*, *domniata/ dumneata, măria-ta*⁷, etc.) e verbais. Tal como em português, no romeno as formas de tratamento na posição sintáctica de sujeito são facultativas, servindo a simples utilização do verbo-predicado na segunda pessoa como referência ao alocutário. Neste caso, no entanto, a oposição entre o tratamento familiar e o tratamento deferente aparece neutralizada, pois com a forma verbal da segunda pessoa do singular podem relacionar-se tanto o sujeito *tu* (= T), assim como *domni(i)ata/ dumneata, mări(i)a ta, mări(i)a voastră, înălțimea ta*, etc. (= V); e com a forma verbal da segunda pessoa do plural podem relacionar-se tanto o sujeito *voi* (= T), assim como *domniele vo(a)stre, măriile vo(a)stre* (= V). Devido a esta homonímia gramatical, no romeno antigo as formas de deferência na posição de sujeito são raramente omissas.

4. Formas de tratamento desde o século XVIII (2.ª metade) até ao presente

Os sistemas de tratamento dicotómicos do português e do romeno sofreram, nos últimos dois séculos, novas alterações na sua configuração e nas funções dos seus componentes – ao contrário do que se constata nas outras línguas românicas.

⁷ Por levarem o verbo-predicado para a segunda pessoa, as formas de tratamento do tipo *măria ta*, *înălțimea ta*, etc. são consideradas nas gramáticas romenas pronomes ou locuções pronominais de cortesia, e não formas nominais (Jordan/ Robu 1978: 415-416, Avram 1997: 164-167, Irimia 1997: 109-111, Dimitriu 1999: 254-258).

4.1 Formas de tratamento no português moderno

Em finais do século XVIII e início do século XIX, a forma de tratamento *você* emprega-se „por familiaridade e amizade“ (Morais e Silva 1789, citado por Cintra 1972: 36), distinguindo-se de *tu*, que caracteriza as relações de intimidade. Para a expressão da deferência-cortesia ou da distância faz-se uso, para além dos sintagmas nominais do tipo *Vossa(s) Senhoria(s)*, *Vossa(s) Excelência(s)*, *Vossa(s) Eminência(s)*, *Vossa Alteza Real*, *Vossa Majestade*, etc., de novas formas nominais, como *o senhor*, *o pai*, *a minha filha* etc. Várias das formas de tratamento em uso no século XVIII estão documentadas nas cartas de Marquesa de Alorna:

- (35) Querido mano: (...) Desejo que te aproveites do gosto com que te mandarei os meus livros.
- (36) Meu querido Pai e meu Senhor do meu coração: Tomara que V. Ex.^a descansasse alguma cousa sobre a minha prudência (...)
- (37) As idéias novas e religiosas com que V. [= você] entra no mundo, minha querida filha, (...) podiam-me descansar (...)
- (38) [Para o Patriarca:] Guarde V. Em.^a o segredo que costuma de tudo quanto lhe digo e venha prontamente a resposta.
- (39) [Ao dirigir-se à sua filha Juliana:] Adeus. Mil bênçãos, mil carinhos à minha pobre filha. Sua mãe L.

(Marquesa de Alorna 1941: 19-21, 30, 75, 185, 200)

As novas formas nominais do tipo *o senhor*, *a senhora* etc. tornam-se mais frequentes desde meados do século XIX. Cito dois exemplos do teatro de Júlio Dinis (1839-1871)⁸:

- (40) António da Costa: Importa-me bem que você responda. Não me responde pelo dinheiro que nos pode fazer perder, não?
André: Qual perder nem meio perder. Ora o senhor sempre tem coisas!
- (41) Júlio: O senhor sabe tirar bem as consequências.
André: Eu julgo que tenho a honra de conhecer V.S.^a

(Júlio Dinis 1979: 31, 38)

Em finais do século XVIII e princípios do século XIX, o português apresenta, portanto, um sistema tricotómico no singular, que consta predominantemente de formas indirectas, nominais (*o senhor*, *Vossa Mercê*,

⁸ No estilo declamatório, as personagens também fazem uso do antigo pronome *vós*: *Adoro-vos. (...) E vós sois o meu Deus na terra* (Júlio Dinis 1979: 51-52).

etc.), pronominais (*você*) e verbais (formas da terceira pessoa) e em que o novo pronome *você* se situa entre o *tu* de intimidade e as formas nominais de deferência/ cortesia-distância (T: *tu*, V₁: *você*, V₂: *o senhor*, *Vossa Mercê*, etc.). No plural, o sistema continua dicotómico (T + V: *vós*, V: *os senhores/as senhoras*, *Vossas Mercês*, *Vossas Senhorias*, etc.).

De entre as formas acima mencionadas, o pronome *vós* dirigido a vários alocutários cairá em desuso, no século XIX, na língua padrão, sendo substituído pelo novo pronome *vocês*. Cito um exemplo da obra de Eça de Queiroz (1845-1900):

- (42) Olá! Oh rapazes! Que desconchavo é este? Vocês estão borrachos?
(Eça de Queiroz 1983: 36)

A partir desse momento, o sistema de tratamento do português padrão consiste no plural, com a excepção de alguns vestígios do antigo plural *vós* (o dativo *vos*, a forma *convosco*), exclusivamente de formas indirectas. O nominativo *vós* como tratamento para vários alocutários sobreviverá apenas em algumas variedades diatópicas, assim como no discurso religioso e no estilo oratório, sendo usado ocasionalmente (Hundertmark-Santos Martins 1998: 80).

Por sua vez, *você* sofre novas alterações no seu uso. No século XIX, este pronome é empregue com duas funções (Hundertmark-Santos Martins/ Petruck 1992: 26-27):

a) como forma de tratamento recíproca nas relações de amizade e entre colegas:

- (43) É de você que tenho recebido [...] as cartas mais animadoras e mais recompensadoras.
(Carta de Eça de Queiroz para Teófilo Braga, *apud* Hundertmark-Santos Martins/ Petruck 1992: 27)

b) como forma de tratamento não recíproca para os inferiores:

- (44) André: O quê? As mulheres bonitas? Pois V.S.^a dessa idade ainda tem medo delas?
António da Costa: Não é por mim. Você é tolo, homem.

(Júlio Dinis 1979: 27)

Este segundo uso faz com que *você* adquira um valor negativo, o que na Península Ibérica representa uma evolução semântica especial, sem correspondente nem no espanhol, onde *usted* guarda até ao presente o seu valor de cortesia, nem no galego, no catalão ou no asturiano.

No português contemporâneo, *você* é polivalente, tendo a) uma conotação negativa, b) uma conotação positiva e c) uma conotação neutral (Hundertmark-Santos Martins/ Petruck 1992: 23-41). A primeira caracteriza o *você* não-recíproco, quando usado como tratamento para pessoas de nível social inferior:

(45) Você gosta de trabalhar aqui no hotel? (PF, texto 1248: 277)

A segunda caracteriza o *você* recíproco, empregado por pessoas da mesma posição social e da mesma idade, „als Ausdruck eines entformalisierten, kollegial-freundschaftlichen Verhältnis“ (Hundertmark-Santos Martins/ Petruck 1992: 26). Finalmente, a conotação neutral de *você* representa uma dimensão semântica nova, observável na linguagem usada nos *mass-media* e, em geral, na linguagem unidireccional, por exemplo na da publicidade ou da internet:

(46) Quem quer viver no passado? Nem você, nem a Citroën.

(*Expresso*, 17 de Abril de 2010: 13)

(47) Este endereço está protegido contra spambots. Você deve habilitar o JavaScript para visualizá-lo.

(Exemplo da internet, 18.11.10)

No entanto, devido à polivalência de *você*, nota-se na linguagem unidireccional uma tendência para omitir o tratamento-sujeito e de recorrer somente ao tratamento verbal da terceira pessoa. Na ausência da forma-sujeito, as frases tornam-se equívocas, podendo indicar tanto tratamento distante-cortês, assim como tratamento familiar-cortês:

(48) Se não suporta imaginar o seu dinheiro investido em carteiras que não lhe garantem o capital, então os bancos pensaram em si.

(*Expresso*, 17 de Abril de 2010: 21)

Em concordância com as mudanças políticas (a instauração da República) e socio-culturais, o sistema de tratamento do português enriquecer-se-á no século XX com novas formas indirectas, nominais (por exemplo, com formas referentes a cargos, do tipo *o senhor Presidente da República, o senhor Primeiro-Ministro*), sem alterar, no entanto, a sua configuração tricotómica.

No contexto românico, o sistema de tratamento do português contemporâneo ocupa um lugar à parte: é o mais complexo, o mais diferenciado e o mais subtil, e apresenta a maior variedade e frequência de emprego das formas nominais. Todas as formas nominais são „de certo modo caracterizadores“ ou individualizadores (Cintra 1972: 13), ao contrário das formas pronominais, quer antigas, como *tu*, quer novas, como

você, Vossa Excelência, vocês, Vossas Excelências, que são abstractas. As formas nominais podem indicar o sexo (*o senhor, o doutor*, etc. vs. *a senhora, a doutora*, etc.), o parentesco (*o pai, a mãe, o meu filho, a minha filha, o avô, a avó, o tio, a tia*, etc.), a profissão (*o professor, o senhor professor, o engenheiro*, etc.), o cargo (*o senhor Ministro, o senhor Presidente, o senhor Embaixador*), a categoria social (*a senhora FN*⁹ usa-se, por exemplo, para uma mulher de baixa condição), o nível de escolarização e especialização (*o Doutor (LN), a Doutora (FN), o senhor Doutor (LN), a senhora Doutora (FN)* usam-se para pessoas doutoradas, com título académico, ou apenas licenciadas – sendo neste último caso escritas *Dr., Dra.*), a idade aproximativa (*o menino* usa-se para crianças de sexo masculino até aos 12 anos, *a menina* para crianças e jovens de sexo feminino, assim como para senhoras de idade inferior em relação à idade do falante¹⁰), a natureza da relação entre os interlocutores (*o meu amigo, o colega, o patrão, a patroa*, etc.), o apelido (*o Fonseca, o Sousa*) ou o nome de baptismo (*o Pedro, a Ana*). A estas acrescentam-se as formas de tratamento reverente, que são ainda mais especializadas, do tipo *Vossa Alteza* (príncipes, arquidukes, duques); *Vossa Eminência* (cardiais), *Vossa Magnificência* (reitores da Universidade), *Vossa Majestade* (reis, imperadores), *Vossa Santidade* (o Papa), etc.

O *vós* como tratamento para uma pessoa e as formas verbais correspondentes não desapareceram por completo do português. Sobrevivem na linguagem literária de tom arcaizante e na linguagem cerimoniosa assim como nos textos „oficiais“ das orações em uso (Henriques 1971: 162, Cintra 1972: 75-87, Cunha/ Cintra ¹⁵1999: 287), por exemplo, em *Pai nosso*:

(49) Pai nosso que [vós] estais no céu, / santificado seja o Vosso nome, etc.

Na língua falada, há vestígios do *vós* de cortesia em variedades linguísticas nortenhas, como, por exemplo, no português falado em Rio de Onor (cf. Hammermüller 1993b). O uso de *vós* explica-se certamente pelo contacto com a variedade asturleonese (o riodonorês) falada nesta aldeia, em que o pronome *bós* serve como forma básica de cortesia.

⁹ Uso aqui as abreviaturas consagradas na literatura sociolinguística sobre as formas de tratamento: FN = nome (engl. *first name*) e LN = apelido (engl. *last name*).

¹⁰ Para além de indicar que o alocutário é mais jovem do que o locutor, a forma de tratamento *a menina*, usada por pessoas de idade mais avançada, serve para expressar proximidade e afecto.

4.2 Formas de tratamento no romeno moderno

A partir da segunda metade do século XVIII e sobretudo no século XIX, como consequência da orientação política, económica e sobretudo cultural dos Principados romenos para o Ocidente, o romeno vive o assim-chamado período de re-romanização, sendo decididamente influenciado, ao nível do vocabulário, pelo francês e, em menor medida, pelo italiano. A influência francesa faz-se sentir igualmente no sistema de tratamento: analogicamente a *vous*, o pronome da segunda pessoa do plural *dumnea-voastră* começa a usar-se também como tratamento para um alocutário (por outras palavras, como plural metafórico), expressando um elevado nível de cortesia e, ao mesmo tempo, distância e formalismo. Este novo uso é característico, no século XIX e na primeira metade do século XX, da linguagem da gente erudita da sociedade citadina. *Dumneavoastră* (agora já invariável) é aplicável, em geral, a uma pessoa desconhecida ou pouco conhecida e a uma pessoa com uma posição social superior. No teatro de Ion Luca Caragiale (1852-1912), este pronome de cortesia-distância aparece frequentemente, alternando, em função do tipo da relação entre as personagens ou do modo como ela evolui, com o pronome *dumneata*. Exemplos:

- (50) [Uma senhora para um político:] A! Dòmnu!e Dandanache, ai făcut rău... fapta d[um]-tale este... (...) D-le Dandanache, mă rog să nu povestiți istoria cu scrisoarea becherului d-voastră.
[‘Ah! Senhor Dandanache, você/ o sr. fez mal... o seu acto é... (...) Senhor Dandanache, peço-lhe que não conte a história com a carta do seu celibatário.’]
- (51) [Um polícia para uma senhora da alta sociedade:] Sărut mâna, coană Jóițico, nu vă supărați. Este cineva... cineva pe care-l știți d-voastră bine...
[‘Beijo a mão, dona J., desculpe. Está lá alguém... alguém que a Sra. conhece bem...’]

(Ion Luca Caragiale 2002: 142, 144; 150)

Em contraste com *dumneavoastră*, o pronome *dumneata* (abreviado *d-ta*) e as suas variantes regionais e familiares *mata*, *matale*, *mătăluță* (diminutivo) vão-se especializando como forma de tratamento que exprime um nível mais baixo de cortesia, usada na relação com pessoas de confiança (em geral, de idade mais avançada) e com iguais, ou na relação com um inferior. Cito três exemplos das obras de Vasile Alecsandri (1818?-1890), Ion Luca Caragiale e Ioan Slavici (1848-1925):

- (52) [Uma sra. rica, de mais idade para um jovem:] Și d-ta, cuconașule, cine ești?
[‘E você, cavalheiro, quem é?’]
(Vasile Alecsandri 1968: 56)
- (53) [A irmã mais jovem para a mais velha:] Culcă-te și matale, nu mai lucra dacă îți e rău. [‘Vá você para a cama, deixe de trabalhar, se está a sentir-se mal.’]
(Ion Luca Caragiale 2002: 232)
- (54) [Diálogo entre dois jovens com uma certa instrução, da mesma aldeia:]
- Cum poți d-ta să faci asemenea lucruri? [‘Como pode você fazer tais coisas?’]
- D-ta ești de vină! [‘Você tem a culpa!’]
(Ioan Slavici 2006: 258)

O romeno moderno possui portanto, a partir do século XIX, um sistema de tratamento de configuração tricotómica no singular (um alocutário), comparável do ponto de vista tipológico com o do português moderno. No plural, o sistema continua dicotómico. Em contraste, no entanto, com o sistema português, o sistema romeno envolve, como nos séculos anteriores, exclusivamente formas directas e é menos rico em formas e menos diferenciado. Além disso, nenhuma das suas formas tem algum valor caracterizador (nenhuma indica o sexo, a profissão, o grau de parentesco, etc. do alocutário).

De entre as formas de tratamento já existentes, *măria ta* e *măria voastră* (na ortografia actual: *Măria ta*, *Măria voastră*) saem do uso na segunda metade do século XIX, quando a Roménia se torna reinado (1881), a favor de *Maiestatea voastră* (‘Vossa Majestade’). As formas analíticas *domnia ta* e *domnia voastră* (na ortografia actual: *Domnia ta*, *Domnia voastră*) coexistem no século XIX e nos seguintes com as sintéticas, mas chegarão a exprimir um degrau mais alto de cortesia que *dumneata* e *dumneavoastră* e a ser usadas no estilo soleno e cerimonioso. Cito abaixo um exemplo do romance de Nicolae Filimon *Ciocoi vechi și noi* (1863) para o século XIX, dois exemplos do romance *Baltagul* (1930) de Mihail Sadoveanu para o século XX e um exemplo extraído de um jornal para o século XXI:

- (55) il trimit la domnia ta ca să se mai roadă. [‘Mando-o [= o meu filho] a Vossa Senhoria para que ganhe mais experiência.’]
(Nicolae Filimon 1964 : 15)
- (56) Îmi place de domnia-ta, (...), cum le despici și le pătrunzi toate.
[‘Gosto de Vossa Excelência, (...) como analisa e compreende as coisas.’]

- (57) Nu-l amestec, domnule subprefect. Dacă domnia-voastră spuneți că nu-i martor, eu tac.
 [[A ele] não o envolvo nisso, senhor Subprefeito. Se Sua Excelência, o Senhor Subprefeito, diz que ele não é testemunha, eu calo-me.]
 (Mihail Sadoveanu 1966: 102, 162)
- (58) Articolul de față mi-a fost inspirat de dumneata, cititorule, în varianta-ți electronică. Nu mă consider cu nimic superior Domniei tale, anonimul care face efortul de a mă citi.
 [‘O presente artigo foi-me inspirado por você, meu leitor em variante electrónica! Não me considero em nada superior a Vossa Excelência, o anónimo que faz o esforço de me ler’.]
 (Adevărul, 27.03.2010: 9)

Devido a esta diferenciação, alguns linguístas (Coteanu 1982: 137, Avram 1997: 164-165, Irimia 1997: 109) distinguem no sistema de tratamento do romeno moderno três níveis de cortesia: um nível baixo, de cortesia familiar (*dumneata*), um nível elevado, de cortesia oficial, distante (*dumneavoastră*) e um nível máximo, de cortesia cerimonial (*Domnia ta, Domnia voastră*). Características do estilo solene, cerimonioso são também as formas de tratamento especializadas para pessoas com certas posições sociais ou profissionais, do tipo *Maiestatea voastră* ‘Vossa Majestade’ (para reis, rainhas, imperadores e imperatrizes), *Alteța voastră* ‘Vossa Alteza’ (para príncipes e princesas), *Excelența voastră* ‘Vossa Excelência’ (para chefes de Estado, ministros e embaixadores), *Magnificența voastră* ‘Vossa Magnificência’ (para reitores), *Sanctitatea voastră* ‘Vossa Santidade’ (para o Papa), *Eminența voastră* ‘Vossa Eminência’ (para clérigos de alta posição, por exemplo cardiais), etc. Admitindo a opinião acima referida, resulta que o romeno moderno possui um sistema de tratamento de quatro degraus no singular (T: *tu*, V₁: *dumneata*, V₂: *dumneavoastră*, V₃: *Domnia voastră*) e de três degraus no plural (T: *voi*, V₁: *dumneavoastră*, V₂: *Domniile voastre*).

Na língua falada no meio rural, onde dominam em geral as relações de confiança, o pronome *dumneavoastră* como forma de tratamento para um alocutário penetrou muito mais tarde. Nesta variedade do romeno, a forma de cortesia mais usada continua a ser até ao presente *dumne(a)ta* com as variantes *mata*, *matale* e os diminutivos *mățălică*, *tălică* e *mățăluță*. Na linguagem da sociedade citadina, pelo contrário, o uso de *dumneata* (ou *mata*, *matale*) restringiu-se consideravelmente nos últimos decénios, tendo-se tornado o tratamento usual na família (empregado – embora cada vez menos – de filhos para os pais ou de netos para os avós), entre vizinhos e conhecidos e de superior para o inferior:

- (59) Nea Mitu, dacă Ceaușescu dă mâna cu matale, nu te mai speli până mori.
 [‘Tio Mitu, se Ceaușescu lhe apertar a mão, você já não se lava até morrer.’]
 (Dan Lungu 2007: 172)

No Nordeste da Roménia regista-se também o uso da palavra *singur* (com a variante *sângur*), empregada somente no masculino, como forma de tratamento meio-cortês¹¹ semelhante a *mata*, mas soando menos familiar (Dimitriu 1999: 239):

- (60) Vreau să te întreb, sângur nu vii cu noi?
 [‘Quero perguntar-lhe: o senhor não vem connosco?’]
 (apud Dimitriu 1999: 239)

5. Conclusões

Os sistemas de tratamento do português e do romeno tiveram uma evolução tipológica semelhante depois da Idade Média até ao presente: até finais do século XVIII foram sistemas de configuração dicotómica (caracterizados pela oposição T-V) tanto no singular, assim como no plural. Em finais do século XVIII e princípios do século XIX passaram de sistemas de configuração dicotómica para sistemas de configuração tricotómica, apresentando (somente) no singular a oposição T-V₁-V₂.

Para além desta semelhança, no entanto, a evolução dos dois sistemas difere substancialmente. O português eliminou progressivamente (a partir do século XVI até ao século XIX) o tratamento directo a favor do tratamento indirecto, o que teve como consequência, por um lado, a decadência do pronome *vós* (usado durante muitos séculos como plural metafórico e como plural indiferente) e, por outro lado, o surgimento de cada vez mais formas nominais para a expressão do tratamento deferente-cerimonioso, cortês-distante ou cortês-familiar. Algumas destas formas nominais chegaram a ser verdadeiros pronomes. O romeno, em contrapartida, consolidou o tratamento directo como nenhuma outra língua românica. Para além dos pronomes herdados do latim, *tu* e *voi*, criou antes do século XVI novas formas de tratamento da segunda pessoa, nominais na sua origem, que se pronominalizaram. A variedade destas formas é, no entanto, inferior à variedade das formas de tratamento portuguesas.

¹¹ Excepto no uso dialectal acima mencionado, *singur* (< lat. SINGUR) é um adjetivo variável (‘só’), com formas distintas de género e número.

Referências bibliográficas

I. Córpus (obras literárias, antologias e jornais citados):

a) Português:

- Albuquerque, Afonso de (1957): *Cartas para El-Rei D. Manuel I*, Seleção, prefácio e notas de António Baião, Lisboa: Sá da Costa.
- Bacelar, Maria Fernanda do Nascimento/ Marques, Maria Lúcia Garcia/ Cruz, Maria Luísa Segura da (1987): *Português Fundamental, II: Métodos e Documentos*, 1.º: *Inquérito de Frequência*, Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. [= PF]
- Dinis, Júlio (1979): *Teatro inédito*, Porto: Livraria Civilização Editora.
- Expresso* (vários números de 2010).
- Holanda, Francisco de (1955): *Diálogos de Roma. Da pintura antiga*, Prefácio e notas de Manuel Mendes, Lisboa: Sá da Costa.
- Marquesa de Alorna (1941): *Inéditos: Cartas e outros escritos*, Seleção, prefácio e notas do Prof. Hernani Cidade, Lisboa: Sá da Costa.
- Melo, D. Francisco Manuel de (1937): *Cartas familiares*, Seleção, prefácio e notas pelo Prof. M. Rodrigues Lapa, Lisboa: Sá da Costa.
- Melo, D. Francisco Manuel de (1963): *O Fidalgo Aprendiz*, texto estabelecido, introdução e notas de António Corrêa de A. Oliveira, Lisboa: Clássica Editora.
- Queiroz, Eça de (1983): *A Ilustre Casa de Ramires*, Lisboa: Circulo de Leitores.
- Vicente, Gil (1996): *Farsa de Inês Pereira*, Porto: Porto Editora.

b) Romeno:

- Adevărul* (vários números de 2010).
- Alecsandri, Vasile (1968): *Teatru*, București: Editura Tineretului.
- Caragiale, I. L. (2002): *Opere alese/ Ausgewählte Werke (Teatru, proză, publicistică/ Theater, Prosa, Publizistik)*, București/ Bukarest: Editura România - Press-Verlag.
- Filimon, Nicolae (1964): *Ciocolii vechi și noi sau ce naște din piscă șoareci mănâncă*, București: Editura pentru Literatură.
- Lungu, Dan (2007): *Sunt o babă comunistă*, Iași: Polirom.
- Munteanu, Ștefan/ David, Doina/ Oancea, Ileana/ Țăra, Vasile D. (orgs.) (1978): *Crestomație românească. Texte de limbă literară*, București: Editura Didactică și Pedagogică. [= Cr]
- Neculce, Ion (1959): *Letopisețul Țării Moldovei și O samă de cuvinte*, București: Editura de Stat pentru Literatură și Artă.
- Sadoveanu, Mihail (1966): *Baltagul*, București: Editura Tineretului.
- Slavici, Ioan (2006): *Mara*, București: Art.

c) Português e romeno:

- Iordan, Iorgu (org.) (1962): *Crestomație romanică*, vol. I, București: Editura Academiei Republicii Populare Române. [= CR, I]

- Iordan, Iorgu (org.) (1965): *Crestomație romanică*, vol. al II-lea: *Secolele al XVII-lea – al XVIII-lea*, București: Editura Academiei Republicii Populare Române. [= CR, II]
- Iordan, Iorgu (org.) (1971): *Crestomație romanică*, vol. al III-lea: *Secolele al XIX-lea – al XX-lea*, Partea a II-a, București: Editura Academiei Republicii Populare Române. [= CR, III,2]

II. Bibliografia citada:

- Avram, Mioara (1997): *Gramatica pentru toți*, București: Humanitas.
- Bossong, Georg (2008): *Die romanischen Sprachen: Eine vergleichende Einführung*, Hamburg: Buske.
- Braun, Friederike (1984): „Rumänische Anredeformen“, em: Winter, Werner (org.), *Anredeverhalten*, Tübingen: Narr, p. 151-189.
- Caragiu Marioțeanu, Matilda (1977): „Dialectul aromân. Dialectul meglenoromân. Dialectul istroromân“, em: Caragiu Marioțeanu, Matilda/ Giosu, Ștefan/ Ionescu-Ruxândoiu, Liliana/ Todoran, Romulus (orgs.), *Dialectologie română*, București: Editura Didactică și Pedagogică, p. 171-230.
- Coteanu, Ion (1982): *Gramatica de bază a limbii române*, București: Albatros.
- Cintra, Luís F. Lindley (1972): *Sobre «Formas de tratamento» na Língua Portuguesa (Ensaio)*, Lisboa: Livros Horizonte.
- Coffen, Béatrice (2002): *Histoire culturelle des pronoms d'adresse. Vers une typologie des systèmes allocutoires dans les langues romanes*, Paris: Honoré Champion.
- Cunha, Celso/ Cintra, Lindley (1999): *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Sá da Costa.
- Dimitriu, Coneliiu (1999): *Tratat de gramatică a Limbii Române, I: Morfologia*, Iași: Institutul European.
- Giurescu, Constantin C. (2000/ 1943): *Istoria românilor din cele mai vechi timpuri până la moartea regelui Ferdinand*, București: Humanitas.
- Guitar, Henri (1961): „L'extension successive des formes de politesse“, *Boletim de filologia* 18, p. 195-202.
- Hammermüller, Gunther (1993a): *Die Anrede im Portugiesischen: Eine soziolinguistische Untersuchung zu Anredekonventionen und Anredeformen des gegenwärtigen europäischen Portugiesisch*, Chemnitz: Neuer Verlag.
- Hammermüller, Gunther (1993b): „O tratamento de vós em Rio de Onor“, em: Schmidt-Radefeldt, Jürgen (org.), *Semiótica e linguística portuguesa e românica*, Tübingen: Narr, p. 43-54.
- Henriques, José Neves (1971): „Pronomes e fórmulas de tratamento“, *Boletim da Sociedade da Língua Portuguesa* 9, p. 162-166.
- Hundertmark-Santos Martins, Maria Teresa/ Petruck, Christoph (1992): „Die Anrede mit *você* in Portugal: zwischen gesellschaftlicher und persönlicher Distanz“, *Lusorama* 18, p. 23-41.
- Hundertmark-Santos Martins, Maria Teresa (1998): *Portugiesische Grammatik*, Tübingen: Niemeyer.

- Jordan, Iorgu/ Robu, Vladimir (1978): *Limba română contemporană*, București: Editura Didactică și Pedagogică.
- Irimia, Dumitru (1997): *Gramatica limbii române*, Iași: Polirom.
- Kilbury-Meißner, Ursula (1982): *Die portugiesischen Anredeformen in soziolinguistischer Sicht*, Hamburg: Buske.
- Luz, Marilina dos Santos (1956-1959): „Fórmulas de Tratamento do Português Arcaico“, *Revista Portuguesa de Filologia* 7-9, p. 1-281.
- Meier, Harri (1951): „Die Syntax der Anrede im Portugiesischen“, *Romanische Forschungen* 63, p. 95-124.
- Merlan, Aurelia (2010): „Sistemas de tratamiento en variedades astur-leonesas“, em: Cano González, Ana M^a (org.), *Homenaxe al Profesor Xosé Lluís García Arias*, Tomu I, *Lletres Asturianas. Anexu 7*: Uviéu: Academia de la Llingua Asturiana, p. 217-242.
- Niculescu, Alexandru (1974): *Strutture allocutive pronominali riverenziali in italiano*, Firenze: Olschki.
- Pușcariu, Sextil (1943): *Die rumänische Sprache: ihr Wesen und ihre volkliche Prägung*, Leipzig: Harrassowitz.
- Rosetti, Alexandru (1986): *Istoria limbii române, I: De la origini până la începutul secolului al XVII-lea*, București: Editura Științifică și Enciclopedică.
- Svennung, Joseph (1958): *Anredeformen. Vergleichende Forschungen zur indirekten Anrede in der dritten Person und zum Nominativ für den Vokativ*, Uppsala: Almqvist & Wiksell/ Wiesbaden: Harrassowitz.